



Universidade de Brasília

CÉSAR AUGUSTO FERNANDES DE SOUZA

**REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA DO VOLEIBOL NO CENÁRIO
ESCOLAR – O Voleibol “da” Escola.**

São Paulo

2007

CESAR AUGUSTO FERNANDES DE SOUZA

**REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA DO VOLEIBOL NO CENÁRIO
ESCOLAR – o Voleibol “da” Escola.**

Trabalho apresentado ao Curso de Especialização em Esporte Escolar do Centro de Educação à Distância da Universidade de Brasília em parceria com o Programa de Capacitação Continuada em Esporte Escolar do Ministério do Esporte para obtenção do título de Especialista em Esporte Escolar.

Orientador: Prof^a. Ms. Luiz Sanches Neto

São Paulo

2007

SOUZA, César Augusto Fernandes de

A Importância da prática do Voleibol “da” Escola. São Paulo, 2007.

37 p.

Monografia (Especialização) – Universidade de Brasília. Centro de Ensino a Distância,
2007.

1. Voleibol 2. Educação Física 3. Escola.

CESAR AUGUSTO FERNANDES DE SOUZA

**REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA DO VOLEIBOL NO CENÁRIO
ESCOLAR – O Voleibol “da” Escola.**

Trabalho apresentado ao Curso de Especialização em Esporte Escolar do Centro de Educação à Distância da Universidade de Brasília em parceria com o Programa de Capacitação Continuada em Esporte Escolar do Ministério do Esporte para obtenção do título de Especialista em Esporte Escolar pela Comissão formada pelos professores:

Presidente: Professor Mestre Luiz Sanches Neto
Universidade Guarulhos

Membro: Professor Doutor Marcos Garcia Neira
Universidade de São Paulo

São Paulo (SP), 20 de Maio de 2007.

A Deus, fonte de vida.
A meus pais, pelo incentivo e
carinho constantes.
A minha esposa Eliana e meus
filhos Enzo e Vitória

AGRADECIMENTOS

Ao Ministério do Esporte pela oportunidade de participar de um curso de especialização à distância, fato que me motivou a trilhar outros caminhos.

As bibliotecárias das Faculdades Integradas de Santo André, de Ribeirão Pires e da Universidade Metodista de São Paulo pelo apoio técnico, na pesquisa bibliográfica e na normalização desta monografia.

A Direção da Escola Estadual Prof.^a Martha Figueira Netto da Silva e do Centro Educacional Unificado Alvarenga pelo apoio e aos demais colegas professores pela serenidade e experiência transmitida ao longo desta jornada e principalmente aos alunos, razão maior de todo o trabalho docente.

“Somente Deus encontra-se em posição de olhar os outros de cima”.

(H. Jackson Brown Jr)

RESUMO

Este estudo teve como objetivo proporcionar uma reflexão sobre a prática do Voleibol no cenário escolar, analisando a dualidade existente na escola quanto a esta modalidade, seja através das ações desenvolvidas em uma aula de Educação Física, seja durante a aplicação deste desporto nas turmas de treinamento da escola. A fundamentação teórica apoiou-se em publicações referentes aos temas: Voleibol e Esporte Escolar. O método utilizado foi à pesquisa de revisão bibliográfica. O primeiro capítulo constitui de uma abordagem histórica desta modalidade esportiva, a importância da Educação Física nas séries iniciais foi tratada no segundo capítulo. O terceiro capítulo abordou a prática do Voleibol durante as aulas de Educação Física no Ensino Fundamental e Médio. Finalizando, no quarto capítulo, este estudo contemplou o segmento relacionado às turmas de treinamento existentes nas escolas estaduais de São Paulo, denominadas A. C. D. (Atividade Curricular Desportiva). O trabalho conclui ainda que, o voleibol é perfeito para ser desenvolvido tanto na escola como conteúdo de uma aula de Educação Física Escolar, como também uma modalidade esportiva para fins de competições, através das aulas de Atividades Curriculares Desportivas.

PALAVRAS CHAVES: Voleibol, Educação Física, Escola.

SUMÁRIO

1 – INTRODUÇÃO	10
2 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	12
Capítulo 1.....	12
1.1 – História do Voleibol Mundial.....	12
1.2 - História do Voleibol no Brasil.....	14
Capítulo 2	17
2.1 – A importância da Educação Física na escola nas séries iniciais do Ensino Fundamental.....	17
Capítulo 3.....	21
3.1– O Voleibol na escola no Ensino Fundamental e Médio.....	21
3.1.1 – Considerações iniciais.....	21
3.1.2 – O Projeto Pedagógico.....	22
3.1.3 – Disponibilidade de Recursos.....	23
3.1.4 – Os aspectos socioculturais e o estágio de desenvolvimento motor dos alunos.....	23
3.1.5 – Possibilidades de adaptações do Voleibol aos “códigos” da Educação Física Escolar.....	24
3.2 – Reflexões teóricas sobre voleibol em uma aula de Educação Física Escolar.....	27
Capítulo 4.....	31
4.1 – Atividades Curriculares Desportivas (ACD).....	31
4.1.1 – Resolução referente às Aulas de Atividades Curriculares Desportivas.....	31
4.2 –A Olimpíada Colegial do Estado de São Paulo.....	33
3 – METODOLOGIA	35
4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
5 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	37

1 INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas (70, 80 e 90) o esporte que mais se popularizou foi, sem sombra de dúvida, o Voleibol. As conquistas internacionais das nossas seleções, o espaço na mídia ocupado por esse esporte, o surgimento dentro dele de novos ídolos e o sucesso em termos de marketing esportivo, tornam o voleibol como o segundo esporte dos brasileiros.

Seja para lazer, seja para manter a saúde, seja para competir de fato, o Voleibol é um dos esportes mais procurados. A televisão fez com que, independentemente de classe social, o brasileiro passasse a gostar de Voleibol, a entendê-lo e a praticá-lo. Muitos se indagam porque o Voleibol, e não outro esporte, foi o eleito nos últimos tempos, o segundo esporte entre os brasileiros.

A verdade é que o processo de popularização já citado, que foi desencadeado pela Confederação Brasileira de Voleibol em parceria com algumas federações, trouxe ao conhecimento do público, em geral, algumas especificidades do Voleibol que apaixonam a quem gosta do esporte. Hoje em dia, as aulas de Educação Física nas escolas, tratam com carinho o ensino do Voleibol para com os seus alunos, pois vista a influência do esporte em todo o mundo é normal que a prática do esporte seja acoplada ao ensino de uma forma geral. Segundo Bojikian (1999), “*o Voleibol é um jogo facilmente adaptado a novas situações*”.

O Voleibol tem assinalado um lugar de importância no programa de Educação Física dos estudantes. Além das escolas, clubes e condomínios realiza um grande trabalho de difusão do Voleibol entre as crianças.

A melhoria do nível técnico e físico dos jogadores de Voleibol nas categorias principais, assim como a adesão de um maior número de futuros atletas, dependem diretamente do ensino massificado, planejado e qualificado deste jogo para as crianças a partir de 11 a 12 anos. Este conceito foi confirmado por pesquisas científicas e encontra reflexo na prática do trabalho desenvolvido com o Voleibol. (BOJIKIAN, 1999).

Neste trabalho, procurou-se elucidar o voleibol na escola em todo o seu contexto, desde a Educação Infantil até o Ensino Médio. Portanto, analisar a questão histórica, a contextualização social deste esporte no cenário do país, a estrutura e peculiaridades que o tornam diferente de outros esportes, além de sua prática no ambiente pedagógico escolar, traz a tona um voleibol possível e diferenciado na escola, possibilitando ao aluno que o pratica um imenso prazer, satisfação e qualidade de vida.

Este trabalho também apresenta uma proposta de como construir os conhecimentos de voleibol como tema de uma aula de Educação Física Escolar, desde a primeira idade escolar até o fim do Ensino Médio.

Nesta abordagem, é priorizado o aspecto didático, pois se entende que o ensino de qualquer componente curricular requer um tratamento didático significativo, já que somente após uma sistematização e organização de ensino é que o professor poderá identificar progressos no processo ensino-aprendizagem.

Procurou-se descrever com detalhes aspectos práticos das fases do desenvolvimento dos alunos partindo da Educação Infantil, passando pelo Ensino Fundamental e finalizando no Ensino Médio. Em cada um desses estágios de desenvolvimento do aluno, abordagens de ensino, conteúdos e métodos de trabalho têm pequenas variações, mas decisivas para uma efetiva aprendizagem.

Enfim, entende-se hoje, que o voleibol é um esporte indispensável na Educação Física Escolar, pois a prática dele faz com que crianças e adolescentes tenham uma melhor qualidade de vida e que, propiciam ao indivíduo, ainda quando criança, a oportunidade de adquirir as habilidades motoras consideradas fundamentais para a aquisição de conhecimentos, relações sociais e afetivas com o mundo que o rodeia. (OLIVEIRA, 1988).

O presente estudo tem como objetivo auxiliar profissionais de Educação Física, pois visto que, o voleibol na escola não tem muitas obras publicadas e considerando que tal modalidade é indispensável para as crianças do Ensino Fundamental e Médio, aqui fica uma pequena contribuição para esses profissionais tão importantes no cotidiano escolar.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Capítulo 1 – Histórico do Voleibol

1.1 História do Voleibol Mundial

Em 1895, o diretor da divisão de Educação Física da Associação Cristã de Moços (Y.M.C.A.) de Holyoke, Massachussets, o norte americano William G. Morgan (1870 – 1942), criou o Voleibol.

Observando que seus alunos mais velhos, na maioria homens de negócio, não haviam se adaptado bem à prática do recém criado Basketball (1891) devidos aos choques que provocam muitas lesões que os afastam da prática da atividade física, Morgan procurou algo alternativo. Ele procurava algo mais recreativo, com menor contato físico entre os participantes, mas que também lhes proporcionasse um esforço físico que pudesse trazer benefícios á saúde. Inspirando-se no tênis, separou os adversários por uma rede e criou um esporte cujo objetivo era enviar a bola de encontro à quadra adversária por cima da mesma. (BOJIKIAN, 1999).

A primeira quadra media 15,75m de comprimento, 7,625m de largura. A rede tinha a largura de 0,61m, o comprimento de 8,235m e sua altura era de 1,98m (do solo ao bordo superior). Morgan deu nome de Minonette ao novo esporte, mas pouco tempo depois ele se transformou em Volley-Ball. (BOJIKIAN, 1999).

A primeira bola utilizada foi a de basquetebol, que se mostrou muito pesada e sua câmara muito leve. Morgan encomendou a um fabricante uma bola de couro, com uma câmara de borracha que tinha uma circunferência de 67,5cm com o peso que variava de 255 a 340g. Essa bola foi aprovada pelos praticantes de época. Suas especificações não estão muito distantes da bola atual. (BOJIKIAN, 1999).

A A.C.M. rapidamente adotou o voleibol em todas as suas unidades dos E. U. A. e Canadá e a expansão dessa organização contribuiu decisivamente para a difusão desse esporte pelo mundo. Em 1897, publicou as primeiras regras do voleibol. O numero de 6 participantes por equipe foi fixado somente em 1918. Até então, ele era livre, assim como a quantidade de toques na bola por parte de cada equipe, que só foi limitado ao máximo de 3 em 1922. As forças armadas norte americanas também difundiram o voleibol, pois seus soldados o praticavam em momentos de folga durante a primeira guerra mundial, tornando-o conhecido em países europeus. A fácil adaptação da prática do voleibol em qualquer terreno, a

simplicidade para o improvisado de uma rede e a necessidade de nada, além da bola, tornam o voleibol adequado às condições vividas pelos soldados em guerra. Após a guerra muitos países como Tchecoslováquia, Polônia, União Soviética, França e Bulgária adotaram o Voleibol definitivamente em seus clubes e escolas. Já na América do Sul, o Voleibol surgiu em 1910, trazido por uma missão norte-americana especializada em educação primária. Não se têm dados sobre o ano exato da chegada do Voleibol ao Brasil. Para alguns, isso ocorreu em 1915 no Colégio Marista em Pernambuco; para outros, por volta de 1916 ou 1917 pela A.C.M. de São Paulo. No dia 12 de Janeiro de 1946 foi fundada a Confederação Sul-americana de Volley-Ball que organizou, em 1951, no ginásio do Fluminense F.C. do Rio de Janeiro. O primeiro campeonato de voleibol da América do Sul. O Brasil venceu no masculino e no feminino. (BOJIKIAN, 1999).

A Federação Internacional de Volley-ball foi criada a 20 de Abril de 1947 em Paris, França, sendo seu primeiro presidente o francês, Paul Libaud. O Brasil foi um dos treze países a participar do congresso de fundação. Somente em 1954, com a criação da Confederação Brasileira de Volley-Ball (C.B.V.), é que a organização do nosso voleibol deixou de ser feita pela Confederação Brasileira de Desportos (C.B.D.). Seu primeiro presidente foi o senhor Denis Hattaway. (BOJIKIAN, 1999).

Naquela altura, o voleibol já contava com milhões de praticantes espalhados pelo cinco continentes. O Campeonato Europeu de Roma, em 1948, foi a primeira competição internacional e contou com a presença de seis seleções. Em 1949, na Tchecoslováquia, disputou-se o I Mundial Masculino, dando a largada para uma série de torneios em todo o mundo. Enfim, firmou-se como esporte competitivo ao ser incluído entre modalidades olímpicas em 1964. Hoje, a F.I.V.B. tem cerca de 163 países filiados, quase 100 milhões de jogadores inscritos e pode ser considerado, em muitos aspectos, a maior federação esportiva do planeta. Algo que ao inventar seu desprezioso jogo, William G. Morgan não poderia sequer imaginar. (DAIUTO, 1980).

Porém, existem muitos relatos que dizem que o voleibol nasceu na Alemanha. Nasceu, alias, entre os militares que, no final do século passado, já sonhavam com a nação tedesca na liderança da Europa e do Planeta. Originalmente, se tratava de um esporte de pontaria e de agilidade. Num espedo retangular, demarcado num areial ou num gramado, se levantava a corda, em sentido horizontal, bem ao meio da figura geométrica. Duas equipes, de dois até nove atletas, dependendo do tamanho do espaço, se dispunham em posições opostas, nos lados da corda. Então, com alguma graça e a tentativa da precisão, os contendores cuidavam de atirar uma pelota, com os braços ou com os punhos, por cima da corda, na direção do

campo inimigo. As regras permitiam duas batidas no chão. As peijas não tinham tempo para terminar. Na verdade, alias, mais interessava o esforço físico, a procura da concentração do que o resultado final, um vencedor. A brincadeira ganhou o nome de FAUSTBALL – no idioma germânico, FAUST significa punho (DAIUTO, 1980). Apenas nos Estados Unidos, porém, ela se transformou efetivamente numa modalidade de competição com William G. Morgan.

William G. Morgan idealizador do esporte, veio a falecer em 27 de dezembro de 1942, tendo a felicidade de ver seu esporte uma atividade conhecida em todo o mundo e um sucesso quer como esporte de adultos como atividade presente em todos os programas de Educação Física para crianças e jovens dos países civilizados. (DAIUTO, 1980).

1.2 – História do Voleibol no Brasil

O Voleibol foi introduzido no Brasil por volta dos anos de 1916 ou 1917, pela Associação Cristã de Moços de São Paulo, do mesmo modo que aconteceu na quase totalidade dos países que o praticam, isto é, pelas suas respectivas A.C.M.

Trazido para o nosso país somente depois de 22 anos de sua criação. O Voleibol ainda não foi, logo a seguir, bastante difundido. A sua prática quase se restringia a atividades internas de algumas poucas entidades. Nesse particular, coube ao Fluminense F.C., com a realização de um torneio dos clubes filiados a então Liga Metropolitana de Desportos Terrestres, dar um impulso considerável para a difusão do Voleibol. (DAIUTO, 1980 p.08).

No Rio de Janeiro, posteriormente, com a fundação da Associação Metropolitana de Esportes Atléticos, no ano de 1924, iniciou a promoção de torneios desse desporto.

Com períodos de maior ou menor aceitação, o Voleibol conduzido até o ano de 1938, quando foi fundada a Liga de Voleibol do Rio de Janeiro, que recebeu, mais tarde, a denominação atual, ou seja, Federação Carioca de Voleibol. No ano seguinte (1939) foi realizado o 1º Campeonato Oficial da cidade. (DAIUTO, 1980 p.09).

Em São Paulo apesar de ter sido o primeiro estado a praticar o Voleibol, a Federação somente foi fundada em 1942, o mesmo acontecendo nos outros Estados, isto é, no início da década de 1940.

No ano de 1944 foi realizado o 1º Campeonato Brasileiro, com jogos em diversos Estados e tendo os seguintes concorrentes: Paraná, Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Distrito Federal; sagrando-se campeã a equipe de Minas Gerais e vice-campeã a equipe de São Paulo. (DAIUTO, 1980 p.09).

No setor masculino concorreram: Paraná, Bahia, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Pernambuco, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Distrito Federal; foram vencedores os jogadores representantes de São Paulo, classificando-se em 2º lugar a representação de Minas Gerais. Daí por diante, os Campeonatos Brasileiros vêm sendo disputados regularmente.

A primeira experiência internacional do Brasil foi proporcionada pela Confederação Brasileira de Desportos, que patrocinou o 1º Campeonato Sul Americano em 1951 e que terminou com a vitória das equipes masculinas do Brasil.

Com a fundação da C. B. V. (Confederação Brasileira de Voleibol) em 09 de Agosto de 1954, os Campeonatos Brasileiros passaram a ser promovidos pela entidade especializada a partir de 1956 e continuam sendo realizados até os dias de hoje.

A partir da segunda metade dos anos setenta, inicia-se a grande escalada do nosso Voleibol. A C. B. V, em colaboração com algumas federações estaduais, passa a investir mais na formação de técnicos e atletas brasileiros, organizando muitos cursos, ministrados por técnicos estrangeiros de renome. Clubes e seleções de outros países, constantemente passaram a competir no Brasil. Vários campeonatos internacionais, aqui, foram sediados.

Quanto mais intercâmbio havia, maior nível o nosso Voleibol conquistava. A evolução técnica despertou o interesse do público pelas partidas e isso trouxe ao nosso esporte o ingrediente definitivo: a televisão. (BOJIKIAN, 1999). Em 1981, a televisão Record transmitiu ao vivo, em horário nobre, o Mundialito de Voleibol Feminino, realizado em São Paulo, com índices de audiência inacreditáveis para a época. Foi um marco histórico para o nosso esporte.

A presença da televisão trouxe para o Voleibol as empresas patrocinadoras que possibilitaram, então, que o Voleibol se tornasse profissional. A profissionalização permitiu que os técnicos e atletas passassem a se dedicar em tempo integral à modalidade. Os treinadores estudando cada vez mais para oferecer melhores trabalhos aos seus atletas e esses, como conseqüência, se aperfeiçoando a ponto de serem cobiçados por equipes dos grandes centros voleibolísticos do mundo. (BOJIKIAN, 1999).

O Voleibol investiu também fora da quadra na organização e na infra-estrutura. Todas as grandes equipes são hoje supervisionadas por profissionais altamente preparados e especializados. O nível desses profissionais é de tal magnitude, que grandes clubes de futebol já estão contratando alguns deles para gerenciarem suas equipes. O início da afirmação do Voleibol Brasileiro se deu com a medalha de prata na Olimpíada de Los Angeles, onde a equipe de William, Amauri, Fernando, Renan, Xandó, Bernard e Montanaro, entre outros,

dirigida pelo técnico Bebeto de Freitas, deu a arrancada para a popularização definitiva do nosso esporte. (BOJIKIAN, 1999).

Se, em 1984, a medalha de ouro nos escapou; em 1992, ela consagrou definitivamente o Voleibol como uma paixão dos brasileiros, ao ser conquistada em Barcelona pela equipe do técnico José Roberto Guimarães. Os titulares comandados por ele foram Mauricio, Marcelo Negrão, Paulão, Carlão, Tande e Giovanni.

Enquanto a equipe masculina colecionava títulos internacionais, o Voleibol feminino, num trabalho de renovação muito forte, começa a conquistar títulos mundiais nas categorias preparatórias (infanto-juvenil e juvenil). Desse trabalho, resultou a formação de uma equipe nacional muito forte que vem se mantendo a melhor equipe do mundo durante há alguns anos.

Nenhum país do mundo possui ambos os selecionados (masculino e feminino) com posicionamento tão bom em nível internacional, como o Brasil. O nosso Voleibol é, hoje, o melhor do mundo, graças ao empenho e capacitação de técnicos, atletas e dirigentes. O nosso esporte tem um apelo popular muito forte. Todos querem praticar e discutir Voleibol, e isso o transforma no segundo esporte mais popular no Brasil.

Capítulo 2

2.1 – A importância da Educação Física na escola nas séries iniciais do Ensino Fundamental

Apesar das inúmeras críticas que se tem feito sobre as aulas de Educação Física, muitos estudos tem apontado sua importância para os seres humanos. Alguns se referem a contribuições específicas, entretanto, nota-se que a grande maioria destes atribuem a Educação Física papel fundamental no desenvolvimento global dos indivíduos.

Nesse sentido, sendo o movimento humano reconhecido como objeto de estudo e aplicação da Educação Física é inegável (quando adequada) a sua contribuição ao desenvolvimento global do ser humano (TANI, 1988).

Já em 1937, podia-se notar uma certa preocupação com relação a esta totalidade do individuo por parte de uma comissão composta por vários especialistas americanos ao concluir que:

“O fim, em última análise, da Educação Física deve ser o desenvolvimento e a educação geral do individuo através de atividade sadia e interessante por intermédio da qual ele alcançará o seu máximo de capacidade física e mental e aprenderá a usar toda a sua qualidade inteligente e cooperativamente, como um bom cidadão, mesmo sob o mais violento estado emotivo” (The Physical Education Curriculum, 1944).

Em seu discurso, Teixeira (1982) apontava uma preocupação de caráter internacional por parte da UNESCO:

“(...) sobre a necessidade de integrar as atividades de Educação Física no processo da educação global e de reforçar os laços entre estas atividades e outros elementos da Educação” (TEIXEIRA, 1982).

Oliveira (1988) em sua definição de política educacional, também evidencia o valor da Educação Física ao colocar que:

“A educação, como processo contínuo e global, deve responder as imperiosas necessidades de formação harmoniosa e equilibrada do ser humano. Nesse sentido, deve-se buscar o desenvolvimento integrado de ações pedagógicas e culturais, aliadas às práticas de Educação Física e desportos, para que o processo educativo não se restrinja aos aspectos cognitivos, às disciplinas acadêmicas ou à simples transmissão de cultura”. (OLIVEIRA, 1988).

Justificando, em parte, suas sugestões para a reformulação da Política Nacional de Educação Física, Cultura e Desporto, Oliveira (1988), assim se posicionou:

“A Educação Física e o desporto propiciam ao individuo, ainda quando criança, a oportunidade de adquirir as habilidades motoras consideradas fundamentais para a aquisição de conhecimentos, relações sociais e afetivas com o mundo que o rodeia”. (OLIVEIRA, 1982).

Com relação aos aspectos sociais, Quinan (1982), aponta que as atividades de Educação Física estimulam as tendências gregárias, proporcionando a interação pessoa-a-pessoa. Citado por essa autora, Toscano (1971) considera a Educação Física com um fator de integração do individuo ao grupo e a sociedade, enfatizando que:

“Talvez nenhuma outra disciplina do currículo escolar tenha um caráter tão socializante, por assim dizer, quanto a Educação Física. (...) tanto no ponto de vista do grupo quanto da sociedade globalmente considerada”. (TOSCANO 1971).

Sob o ponto de vista biológico, pode-se dizer que dado o período de crescimento em que se encontram as crianças de segunda infância, a Educação Física pode ser um valioso recurso para a prevenção de problemas posturais das crianças.

“A Educação Física quando ministrada com regularidade pode favorecer o desenvolvimento adequado do sistema muscular e das estruturas articulares, propiciando a manutenção do tônus muscular e concorrendo, inclusive,

para o desenvolvimento de uma atitude corporal considerada correta”. (ARANTES, 1996).

TEIXEIRA & MAZZEI (1967), citados por QUINAN (1982), abordando o mesmo problema, afirmaram que um bom programa de exercícios físicos pode levar a aquisição de uma boa postura e enfatizam que:

“(...) a presença de uma tonicidade muscular apropriada, um alinhamento próprio do corpo, permitirão um melhor suporte dos órgãos vitais e uma irrigação sangüínea mais perfeita”.(QUINAN, 1982).

Quanto ao desenvolvimento psicológico, QUINAN (1982), afirma que a Educação Física favorece a percepção, a sociabilidade, quanto se trata dos fatores que concorrem para uma melhor apreensão de conteúdos ministrados em sala de aula.

Arantes (1996), constatou que a Educação Física pode também colaborar para o aprendizado da leitura e da escrita, uma vez que o movimento é capaz de levar o aluno á comunicação e á expressão de fatos e idéias. Além disso, a exploração do ambiente e as interações entre espaço e ritmo através do movimento é que promoverão habilidades motoras e cognitivas que convergirão para o aprendizado da leitura e escrita.

De acordo com a seqüência de desenvolvimento motor proposto por Tani (1988), a criança de segunda infância se encontra na fase de combinação de movimentos fundamentais, fase que antecede aos movimentos culturalmente determinados (específicos).

Pressupõe-se então que esta criança já tenha adquirido grande parte das habilidades básicas e alcançando um padrão motor próximo do padrão maduro observando nos adultos e, que neste momento, ela esteja se ocupando com o refinamento e diversificação na combinação destas habilidades, em padrões motores mais complexos.

Embora este processo possa parecer bastante natural, é muito grande o número de adultos que não atinge o padrão maduro nas habilidades básicas, acarretando sérios problemas para a aquisição de habilidades específicas (TANI, 1988).

Mesmo em adultos considerados habilidosos, podemos encontrar habilidades que ainda não atingem o padrão maduro de desenvolvimento. Isto significa que as experiências motoras passadas não foram ricas suficientes para possibilitar a aquisição e retenção de subrotinas que constituem a estrutura do movimento necessário para solucionar o problema motor, CONNOLY, (1977) citado por TANI (1987).

Segundo este problema, Tani (1987), aponta para a necessidade de se voltar ao processo pela qual as habilidades básicas foram ou não adquiridas. Isto seria necessário para que se possa compreender, caracterizar e estabelecer linhas de ação para a solução dos problemas na aquisição de habilidades específicas.

É na Educação Física para as séries iniciais que se inicia todo um processo que poderá influenciar positiva ou negativamente o desenvolvimento dessas crianças. As atividades desenvolvidas nesse período determinam, em grande escala, todo o desenvolvimento posterior e, portanto, são de fundamental importância para a vida de todos os indivíduos.

Nesse sentido, a atuação do professor de Educação Física nas séries iniciais do primeiro grau torna-se essencial. É preciso que sejam dadas oportunidades para a exploração das habilidades básicas e isto pode ser atingido com uma estruturação adequada do ambiente e a adaptação da estrutura da tarefa ao nível de desenvolvimento motor dos alunos (MANOEL, 1994).

Freire (1989), nos alerta para a importância da Educação Física na escola fundamental relacionando-a ao fato de que os atos motores são indispensáveis não só para a relação com o mundo, mas também para a compreensão dessas relações. Por um outro lado, tem-se o mundo real concreto, com o qual se relaciona o sujeito. Ligando-os, está a atividade corporal.

Capítulo 3

3.1 – O Voleibol na escola do Ensino Fundamental e Médio

3.1.1 – Considerações iniciais

O Voleibol na escola deve se pautar por uma série de detalhes. A primeira questão a considerar é se o voleibol irá entrar na Educação Física Escolar como um conteúdo e, a segunda, é se o voleibol irá ser desenvolvido nesse contexto como uma atividade esportiva voltada para competições escolares.

Se esse esporte está com um conteúdo da Educação Física Escolar a abordagem como “vôlei-educação” interagindo com o “vôlei-participação” é a mais indicada, sendo a possibilidade de exclusão de alunos muito menor, e, encarado como conteúdo, irá dividir espaço com muitos outros, por exemplo: com ginásticas, jogos, lutas, atividades rítmicas e expressivas.

Como conteúdo da disciplina Educação Física Escolar, o voleibol é entendido e colocado no âmbito da cultura corporal de movimento. A forma de trabalhá-lo com os alunos não deve ser “excludente” e sim “inclusiva”, pois todos os alunos têm direito ao movimento, seja ele de qualquer natureza. Os movimentos rudimentares desse esporte deverão ser trabalhados de modo que todos os alunos de qualquer faixa etária possam realizá-los. Nesse caso, o professor é o educador, devendo criar situações de movimento do vôlei com a finalidade de promover o aluno na sua formação integral. (CAMPOS, 2006).

Por outro lado, se o esporte for desenvolvido como atividade com fins competitivos, deverá haver uma seleção de crianças que detenham habilidades motoras demandadas pela prática do esporte. Partindo dessa premissa, fica evidente que nessa abordagem o “vôlei-performance” deverá nortear os trabalhos do professor, resguardando as proporções entre um treinamento de uma equipe que está ligada a uma federação esportiva regional ou nacional, em que o desempenho dos atletas deve ir a níveis altos e, uma equipe que defenda uma escola em jogos escolares.

Nessa abordagem do vôlei na escola, os “treinamentos” terão características mais específicas e as crianças e/ ou adolescentes escolhidos trabalharão mais intensamente na modalidade. Os “códigos” determinantes da qualidade do trabalho, bem como, da intensidade do trabalho serão aqueles que o esporte detém. Contudo, algumas “adaptações” deverão ser consideradas e realizadas, pois o voleibol estará num espaço pedagógico em que princípios

educacionais são extremamente relevantes e determinantes. Por exemplo, o significado de *fair play* deve ser levado ao seu extremo, se não for, não haverá sentido da prática do esporte na escola.

Bhacht, (1992), diz que “a Educação Física tem que ter seus princípios bem definidos quando está no contexto escolar, pois só assim haverá possibilidades de todo conteúdo que for “importado” (esportes, lutas, ginásticas, etc) deverão ser ministrados pelos códigos da Educação Física Escolar e não o contrário, ou seja, não cabe na escola um treinamento de alto nível por uma série de fatores, tais como recursos materiais, desenvolvimento motor do aluno, perspectivas da escola, etc”.

A partir de considerações referidas acima, ao desenvolver o voleibol na escola o professor deverá levar em conta uma série de outros elementos que determinarão o sucesso desse movimento/ esporte. Assim, partindo da premissa que o voleibol está na categoria de “esporte-educação”, conforme esclarece Tubino (2001), deve-se ter em conta o seguinte:

- O projeto pedagógico da escola;
- A disponibilidade dos recursos;
- Os aspectos socioculturais e o desenvolvimento motor do aluno;
- As possibilidades de adaptações desse esporte aos “códigos” da Educação Física Escolar.

3.1.2 – O Projeto Pedagógico

Por projeto pedagógico entende-se todo o planejamento da escola na busca de objetivos compartilhados a fim de promover a educação do aluno preparando, juntamente com outros meios sociais, a sua formação para o convívio na sociedade em que está inserido, agindo e interferindo nessa sociedade mudando-a, adequando-a às necessidades do tempo em que vive. Há escolas que entendem a prática desportiva como um elemento da aula de Educação Física Escolar.

Nessa perspectiva, o voleibol deve ser inclusivo e estar sempre relacionado com a formação integral do aluno e o trabalho deve ser interdisciplinar. Há escolas que entendem o voleibol como “treinamento de equipe” com fins específicos de competição.

Nesse nível, invariavelmente, o voleibol será seletivo, resguardando o princípio educacional, mas com vistas às competições esportivas estudantis, além da preparação de futuros atletas para equipes regionais, estaduais e, talvez, nacionais. É fato que muitos jogadores de voleibol do Brasil, saíram de equipes de voleibol colegiais para um clube local e

posteriormente para clubes maiores que recebem o apoio de empresas. (CAMPOS, 2006 p. 30).

Cabe ao professor de Educação Física e ao professor treinador de voleibol participar ativamente na confecção desse projeto pedagógico, e assim poderá definir alguns parâmetros básicos para a aquisição de materiais, espaços e horários para aulas e treinamentos dessa modalidade. Também será importante esclarecer como o voleibol poderá contribuir, juntamente com as outras disciplinas, para a formação integral do aluno.

É de fundamental importância que os professores de Educação Física e/ ou professores/ treinadores participem de reuniões, nas quais se decidem os caminhos que a escola irá tomar. Pois, desta maneira, poderão contribuir decisivamente para o desempenho educacional do aluno, efetivamente nos aspectos afetivo e cognitivo. (CAMPOS, 2006).

3.1.3 – Disponibilidade de recursos

Nas escolas em que o esporte é desenvolvido como um conteúdo da Educação Física Escolar, o recurso mínimo disponível sempre será o espaço (quadra), redes e bolas. Em alguns casos, o professor de Educação Física deverá criar o material para o jogo, por exemplo, improvisar uma quadra em um espaço qualquer da escola, improvisar uma rede usando, por exemplo, uma corda e usar uma bola qualquer, que não seja a bola de se jogar vôlei.

Por outro lado, se houver interesse em competições esportivas a escola deverá adquirir outros itens tais como: medicine-ball, elásticos, aparelhos complementares para treinos técnicos, bolas, quadra, rede. É do conhecimento geral que as escolas públicas tem mais dificuldade na aquisição desses materiais do que as escolas particulares. Normalmente, o investimento das escolas públicas não ultrapassa os limites básicos (bola, rede, quadra e outros.). Nas escolas particulares há investimentos maiores, considerando que nas disputas escolares há a possibilidade de desenvolver um *marketing* escolar, para chamar mais alunos. (CAMPOS, 2006p. 31).

3.1.4 – Os aspectos socioculturais e o estágio de desenvolvimento motor dos alunos

Segundo Meinel (1984), pode-se ter a seguinte classificação em termos de desenvolvimento motor, considerando as idades escolares: a primeira idade escolar vai de 6 a 9 anos, correspondente de pré a 3ª série. A segunda idade escolar vai de 10 a 12 anos (meninas) e de 10 a 13 anos (meninos) correspondendo de 4ª a 6ª série (meninas) e 4ª a 7ª série (meninos) e acima dessas idades vêm à puberdade e a adolescência.

Aspectos importantes a serem considerados em cada uma das idades escolares:

1ª Idade – “... O brincar sem restrições está grandemente subordinado a restrições temporais”. “... componentes do comportamento motor é a acessibilidade e as solicitações de rendimento esportivo e o desejo de rendimento.”, “...deve-se contar, em grau mais forte, com flutuação da atenção e a capacidade de concentração para uma determinada tarefa, no início da escolaridade.” (MEINEL, 1984, p.302-303).

2ª Idade – “fase da melhor capacidade de aprendizagem motora na infância” “... A habilidade de concentração e a iniciativa na solução de tarefas de movimento esportivo são bem melhor que no começo da idade escolar”. “... em geral, os movimentos infantis tornam-se mais convenientes, econômicos e objetivos.” (MEINEL, 1984, p. 326-327)

Puberdade – “A fase da reestruturação das habilidades e destrezas motoras” “... A primeira fase puberal não deve ser caracterizada como um “ tempo de crise”, com “manifestações de desmoronamento ou de dissolução” motora. Nas habilidades de coordenação, no entanto, deve-se levar em conta manifestações de estagnação ou diminuição das habilidades, que, apesar disso, não atingem a todos os jovens;possuem um caráter passageiro e são individualmente expressadas de modo bem diferenciado”. (MEINEL, 1984, p. 363-365).

Adolescência – “A fase da estabilização, da diferenciação específica do sexo e da crescente individualização” “... As principais tendências de desenvolvimento motor desse período são a estabilização, a diferenciação expressa específica do sexo e progressiva individualização”. “... È importante, sobretudo, convidar os jovens para o exercício esportivo e o treinamento regular, além do esporte escolar obrigatório.” (MEINEL, 1984, p. 363-365).

3.1.5 – Possibilidades de adaptações do Voleibol aos “códigos” da Educação Física Escolar

O Voleibol é um esporte perfeito para as aulas de Educação Física Escolar, dentre todos os esportes é o que mais possibilita a participação conjunta dos dois gêneros, independentemente de estar no mesmo time ou como antagonista. É um jogo em que na expressão mais popular de uma aula de Educação Física Escolar, não se precisa tirar a camisa para diferenciar um time do outro.

Embora seja um jogo que exija grande precisão no movimento técnica, possibilita também uma grande diversidade de adaptações de pequenos jogos e muitos outros movimentos que podem ser criados pelos alunos, a partir do conceito de voleibol, tendo como

obstáculo à rede e como implemento de jogo a bola. Outra questão favorável à adaptação do vôlei aos “códigos” da Educação Física Escolar é a possibilidade de adaptação dos materiais necessários à sua prática, por exemplo, duas estacas fincadas em lados opostos e uma corda amarrada a elas, passando de um lado ao outro, caracteriza uma rede; uma bola de qualquer textura e tamanho possibilita jogadas semelhantes as do jogo; finalmente o espaço pode ser uma “terra batida”, como uma queda de piso de alta tecnologia, desde que seja plano.

Assim, o voleibol é um esporte perfeito para ser desenvolvido na escola tanto como conteúdo de uma aula de Educação Física Escolar, como também uma modalidade esportiva com fins específicos de competição. Compete ao professor relevar tais questões e implantar o jogo no contexto escolar. (CAMPOS, 2006p. 33).

Nesse ponto, cabe uma reflexão. São defendidas duas formas antagônicas de trabalhar o vôlei na escola: a primeira forma será denominada de “o trabalho com movimentos do vôlei com fins educacionais”. A segunda forma: “o trabalho de movimentos específicos do vôlei com fins educacionais e competitivos”.

No trabalho com movimentos do vôlei com fins educacionais, o desafio para o aluno é a possibilidade de explorar o maior número possível de movimentos a partir dos elementos do vôlei. Por elementos do vôlei há que se explicitar que são todos aqueles fundamentos que o compõem, da ludicidade de sua prática, valores morais e de esforço individual, a relação social que o jogo promove e a democratização por congrega pessoas de diferentes níveis, qualidades, gêneros, posições sociais diferentes num mesmo momento com um objetivo de superação de muitas situações do ambiente em que esse esporte acontece. (CAMPOS, 2006 p.34).

Portanto, no vôlei, como conteúdo-tema de uma aula de Educação Física Escolar, deve ser abolida a complexidade de seus movimentos, porque se esta prevalecer, a aula caminhará para uma seleção daqueles que têm melhor desempenho no jogo, tornando excludente um grande número de alunos e, invariavelmente será perdido o sentido da exploração de movimentos pelo aluno.

Essa “redução da complexidade do vôlei” é possível quando o professor ao abordar o ensino da Educação Física Escolar, tendo como tema o voleibol, deverá considerar que seus alunos irão “... definir suas próprias situações e colocar seus significados subjetivos” Hildebrandt-Stramann (2003 p.48), pois o que o aluno pensa e quer é de suma importância para definir objetivos e conteúdos de uma aula. Portanto, pode-se afirmar que ao propor o ensino do vôlei em uma aula de Educação Física Escolar o professor deverá “negociar” com os alunos o objetivo maior (Voleibol) e seus elementos (objetivos específicos). Procedendo

assim, crê-se que o professor caminhará no sentido de reduzir a complexidade dos movimentos do vôlei, tornando sua prática mais interessante e, possivelmente identificando talentos esportivos para um outro tipo de prática do vôlei no contexto escolar.

Por outro lado, refletindo sobre o “trabalho de movimentos específicos do Voleibol com fins educacionais e competitivos”, recorre ao pensamento de Hildebrandt-Stramann (2003, p.68-69) quando afirma que o “sistema esporte” propicia dois princípios básicos: a) a “regra da comparação objetiva”; b) “a regra do sobrepujar”. Em relação à primeira “regra” o aluno/ atleta deverá desenvolver os movimentos do Voleibol, comparando sempre sua capacidade de realização com o ambiente e os implementos necessários à prática desse esporte. Em relação à segunda “regra” o objetivo é sempre vencer. (CAMPOS, 2006).

Admite-se que a aula de Educação Física Escolar o Voleibol deverá ser praticado isento desses dois princípios, por questões referendadas acima. Entretanto, em muitas escolas, públicas e particulares, existe uma prática desta modalidade pautada por esses princípios. E, para a criação desses espaços para essas práticas, ocorre sempre um acordo comum entre os alunos que querem superar movimentos e competir, direção escolar e professor de Educação Física. Os interesses são mútuos, portanto, entende-se que, é adequada a prática do voleibol na escola orientada pela complexidade dos seus movimentos, ou seja, a prática com fins específicos de competir em competições escolares.

Nesta perspectiva ao abordar o “trabalho de movimentos específicos do vôlei com fins educacionais e competitivos” o aluno/ atleta do terá pela frente a disputa, mas, considerando que essa prática é no espaço escolar, com certeza, a esta prática será agregado, valores éticos e morais, o sentido de cooperação e a busca da superação de forma justa para todos aqueles alunos/ atletas que se encontram nas faixas etárias esportivas de disputas.

Pensar o Voleibol assim na escola também é importante na educação integral do aluno/ atleta. Por outro lado, aqueles alunos e/ ou atletas que se destacarem dentro dos princípios de “sobrepujar” e “comparação objetiva”, poderão se desenvolver como futuros atletas defendendo clubes sociais, equipes municipais, estaduais e, quem sabe, equipe nacional, é o caso de vários jogadores da seleção brasileira.

Já aqueles que iniciaram como atletas na escola, mas perceberam que não tem desenvolvido a aptidão necessária para a prática da modalidade em questão, poderão optar por outra modalidade esportiva ou por outras atividades físicas quaisquer, ou ainda, ser um aficionado do vôlei trabalhando por esse esporte, promovendo-o no contexto social, de trabalho, de relações sociais, etc, em que se encontrar.

No ato de educar não se devem negligenciar os aspectos competitivos que são inerentes a qualquer sociedade. Entende-se que é o tratamento que o professor de Educação Física Escolar ou o professor/ treinador irá trabalhar com esses “aspectos competitivos” é que determinará os seus pontos positivos para o crescimento do aluno e do aluno/ atleta.

É possível admitir que o vôlei poderá ser trabalhado nessas duas abordagens na escola sem que prejudique a educação integral dos alunos. Para tanto deverá haver uma reflexão constante sobre os objetivos propostos e um planejamento coerente com toda a proposta pedagógica da escola e, principalmente, com as demandas dos alunos. (CAMPOS, 2006).

3.2 – Reflexões Teóricas sobre Voleibol em uma aula de Educação Física Escolar

Segundo Hildebrandt-Stramann (2003, p.33), “a Educação Física tem de abolir a redução da complexidade. Ela tem a tarefa de desenvolver a complexidade, isto é, têm a tarefa de possibilitar uma gama muito grande de experiências diversificadas de movimento”.

Se a prática esportiva do voleibol já for analisada somente pela sua especificidade de movimentos haverá uma grande limitação de movimentos, restrito e findados somente à sua prática. O voleibol conduzido dessa maneira em uma aula de Educação Física Escolar determinará uma oposição à prática de vivências de uma cultura de movimentos corporais amplas e possíveis e restringirá também a prática das vivências de movimentos corporais do aluno.

O voleibol é um esporte fundamental para o desenvolvimento do aluno, e a ele proporciona uma gama de movimentos a serem explorados. É um ótimo esporte para a integração social dos alunos, porque na prática desse esporte há a possibilidade da participação simultânea de meninos e meninas, sem que a estrutura do jogo tenha que ser alterada.

Ao analisar algumas questões sobre esporte, percebe-se que na discussão do esporte na escola, no trabalho do Coletivo de Autores (1993, p.70) há um conceito apropriado para reforçar a idéia de como o Voleibol deverá ser abordado como conteúdo em uma aula de Educação Física Escolar, a saber, que, o esporte, como prática social que institucionaliza temas lúdicos da cultura corporal, se projeta numa dimensão complexa de fenômeno que envolve códigos, sentidos e significados da sociedade que o cria e o pratica. Por isso, deve ser analisado nos seus variados aspectos, para determinar a forma em que deve ser abordado pedagogicamente no sentido de esporte “da” escola e não como o esporte “na” escola.

Partindo dessa afirmação, entende-se que cabe ao professor de Educação Física que irá trabalhar o voleibol na escola observar as limitações do espaço pedagógico, as habilidades motoras e as potencialidades motoras dos alunos que irão praticá-lo, a interpretação que o grupo social dá ao voleibol como modalidade esportiva, o projeto pedagógico escolar para o esporte, e acima de tudo, todos os conhecimentos possíveis advindos desse esporte deverão vir a ser propriedade dos alunos para usufruírem na sua condição de cidadão.

Observado essas questões, será possível ter o voleibol “da” escola dentro de uma aula de Educação Física como um outro conteúdo que possibilite a interação da Educação Física com outra disciplina; que estimule o interesse para o bem estar físico, social e mental, possibilitando uma melhor interação social e afetiva no contexto social em que esse aluno vive.

Crê-se que visar desempenho fisiológico e motor de alta performance no momento em que o vôlei é um conteúdo da aula de Educação Física Escolar está, nesse tipo de abordagem, relevado a um segundo plano. O vôlei, como conteúdo, se presta como mais um novo tipo de movimento que possa preencher tempo livre da criança, enriquecer o seu acervo de sua memória motora, promover discussões sobre a variedade de movimentos possíveis para o corpo humano, recreação, conhecimentos teóricos sobre os seus aspectos técnicos e táticos de jogos relacionados às ações de jogos infantis e, finalmente, talvez, o aluno que tiver um desempenho melhor nessa atividade esportiva poderá iniciar sua carreira esportiva nessa modalidade. Entende-se que a possibilidade do aluno vir a ser um atleta de alto nível não está fora de questão, contudo, isso não é o objetivo principal que o professor irá trabalhar. (CAMPOS, 2006 p.40).

Ao elaborar o planejamento de ensino, o professor deverá considerar que nas aulas de educação Física Escolar, o voleibol é apenas um esporte dentre outros que o aluno terá direito em suas práticas esportivas escolares, tais como, recreação, atividades rítmicas e expressivas, lutas, ginásticas, conhecimento do corpo, etc. (CAMPOS, 2006).

É o desenvolvimento de todos esses conteúdos de forma integrada que possibilitará ao aluno uma assimilação real da necessidade de uma prática física e esportiva para um melhor desempenho de sua cultura corporal de movimentos.

Para se trabalhar o vôlei na escola é necessário adequá-lo às várias classificações etárias que a escola determinará. O trabalho em faixas etárias possibilitará uma melhor administração pedagógica das ações. Todos os alunos desde a Educação Infantil ao Ensino Médio deverão ter direitos aos conhecimentos teóricos e práticos do voleibol enquanto esporte.

Considerando a questão do desempenho motor do aluno relacionado ao trabalho de voleibol nas aulas de Educação Física Escolar, é interessante apoiar-se nos estudos de Meinel (1984), referendado anteriormente, quando foi estabelecida uma classificação etária em relação ao desenvolvimento das ações motoras começando pela fase da criança à fase adulta.

Nessa classificação fica esclarecido que acontecimentos ocorrem em termos de comportamento motor e o que isso representará para o desenvolvimento humano do ser.

Partindo dessa classificação é possível adequar as ações motoras específicas do voleibol em cada faixa etária e nível escolar. Embora para alguns estudiosos essa classificação seja representativa de uma abordagem de ensino denominada “desenvolvimentista”, crê-se que a classificação para o ensino do voleibol na escola facilita o estabelecimento de exercícios-físicos-esportivos adequado ao momento em que o aluno se encontra. Isso não impede o professor adotar uma abordagem de ensino mais democrática, ou ainda, em uma linha mais crítico, social e cultural.

Foi necessário fazer uma adaptação das divisões propostas por Meinel (1984) para que se aproveitasse o nível que o ensino que o Sistema Educacional brasileiro é dividido, ficando assim:

- 6 a 10 anos - Fase inicial do Ensino Fundamental;
- 11 a 14 anos – Fase final do Ensino Fundamental;
- 15 a 17 anos – Ensino Médio;

Segundo estudo do Coletivo de Autores (1993, p.34-35), quanto à organização didática do ensino de voleibol, os autores elegeram quatro ciclos de ensino caracterizando-os assim:

- O Primeiro ciclo vai da antiga pré-escola até a 3ª série. É o ciclo “de organização da identidade dos dados da realidade”, portanto, compete ao professor de Educação Física identificar, juntamente com o aluno, o vôlei como jogo e esporte e como ele é desenvolvido no contexto real desse aluno.
- O segundo ciclo vai da 4ª a 6ª séries. É o ciclo de iniciação à “sistematização do conhecimento”, ou seja, a partir do momento que conheceu o vôlei, este passa a ser dele e o aluno estará vivendo esse vôlei de forma geral, abrangente, mas sua.
- O Terceiro ciclo vai da 7ª a 8ª série. É o “ciclo de ampliação da sistematização do conhecimento”. O aluno possui elementos suficientes para pensar de forma

autônoma sobre o vôlei e para pôr em prática os elementos que compõem o jogo de voleibol de uma forma mais efetiva.

- O Quarto ciclo se dá na 1ª, 2ª e 3ª séries do Ensino Médio. É o ciclo “de aprofundamento da sistematização do conhecimento”. Este é o momento em que a apropriação dos conhecimentos do vôlei chegará no seu estágio máximo e o aluno poderá passar a usar os seus conhecimentos de vôlei dentro do contexto social e cultural em que vive.

Capítulo 4

4.1 – Atividades Curriculares Desportivas (A. C. D.)

As aulas de Atividades Curriculares Desportivas – A. C. D., em número de três (3) semanais, são ministradas por professores portadores de licenciatura plena em Educação Física, fora de o horário regular de aulas dos alunos, para turmas de no mínimo vinte e cinco (25) alunos em cada turma, alunos estes agrupados por idade (categorias), gênero e modalidades. Com esta iniciativa a SEE procura ao mesmo tempo proporcionar um treinamento organizado àqueles alunos/ atletas que demonstram habilidades específicas para os diversos esportes, bem como garantir que durante as aulas regulares de Educação Física todos os alunos possam participar sem a preocupação com o desempenho, uma vez que não existe a necessidade de se sobressaírem para obter a atenção especial dos professores. Com esta medida é garantido o princípio da inclusão nas aulas regulares de Educação Física uma vez que a “especialização” é reservada às turmas de A. C. D.

O Voleibol integra o rol das modalidades existentes nas turmas de A. C. D. , as quais podem ser desenvolvidas para alunos em cinco categorias, a saber: pré-mirim (de alunos até 12 anos) Mirim (de alunos até 14 anos) Infantil (de alunos até 16 anos) Juvenil (de alunos até 18 anos) e Livre (de alunos de diversas idades, inclusive com 19 anos ou mais). Existem turmas masculinas e femininas em todas as modalidades sendo que em algumas como Xadrez, Damas, Tênis de Mesa, Atletismo, Ginástica Artística, Ginástica Geral e Ginástica Rítmica, existe a possibilidade da formação de turmas mistas.

A homologação, atribuição e acompanhamento destas turmas estão garantidos por legislação estadual (conforme Resolução da Secretaria da Educação n.º 173/ 2002 e Instrução CENP de 6-12-2002).

4.1.1 – Resolução referente às aulas de Atividades Curriculares Desportivas

Resolução 173, de 5-12-2002.

Dispõe sobre as sessões de Atividades Curriculares Desportivas nas Unidades Escolares da Rede Pública Estadual

O Secretário da Educação considerando:

A importância da prática do esporte escolar como espaço de vivência de relações interpessoais que contribuem para a ampliação das oportunidades de exercício de uma cidadania ampla e consciente;

A relevância da participação de alunos em atividades esportivas competitivas ou recreativas como um dos fatores que contribuem para a minimização da questão da violência e da aquisição de hábitos danosos ao convívio social;

RESOLVE:

Artigo 1º - As Atividades Curriculares Desportivas destinadas à prática das diferentes modalidades de desporto se constituem em parte integrante da proposta pedagógica da escola e serão desenvolvidas na conformidade das disposições contidas na presente resolução.

Artigo 2º - As unidades escolares poderão organizar até 01 (uma) turma de Atividade Curricular Desportiva por categoria, modalidade e gênero (masculino, feminino ou misto) desde que a natureza das modalidades e categorias selecionadas se justifique pela pertinência e coesão com a proposta pedagógica de que é parte integrante.

Parágrafo único - As turmas de Atividades Curriculares Desportivas a serem propostas pela Equipe Escolar, após serem devidamente analisadas e avaliadas pelo Conselho de Escola serão encaminhadas à Diretoria de Ensino para a devida homologação.

Artigo 3º - As turmas de Atividades Curriculares Desportivas serão constituídas de, no mínimo, 25 (vinte e cinco) alunos, em sessões de atividades organizadas por categoria, modalidade e gênero, e desenvolvidas em 2 (duas) ou 3 (três) aulas semanais, com duração de 60 (sessenta) minutos cada.

§ 1º - Caberá aos docentes de Educação Física, a organização das diferentes turmas de atividades que poderão ser constituídas com alunos dos diversos turnos de funcionamento da escola e, quando possível, de diferentes níveis de ensino.

§ 2º - Quando a frequência de 80% dos alunos de cada turma de Atividades Curriculares Desportivas for bimestralmente inferior a 85% do número de aulas dadas, a direção da Unidade Escolar deverá reorganizar a respectiva turma ou interrompê-la.

§ 3º - A participação das turmas de Atividades Curriculares Desportivas no Campeonato Escolar de Esportes do Estado de São Paulo, e nos demais campeonatos e competições se constituirá em matéria de regulamentação específica.

Artigo 4º - As aulas dessas atividades serão desenvolvidas:

I - aos sábados;

II - ao longo da semana em horário diverso ao das aulas regulares dos alunos e sem comprometimento da dinâmica das atividades previstas pela proposta pedagógica para aquele período de funcionamento da escola, podendo ocorrer inclusive no período noturno.

§ 1º - As aulas das turmas de Atividades Curriculares Desportivas estarão compondo a jornada de trabalho docente dos titulares de cargo, respeitada a seguinte distribuição:

I - 2 turmas para a jornada inicial

II - 3 turmas para a jornada básica

§ 2º - Somente no caso de não aceitação pelo(s) professor(es) de Educação Física da Unidade Escolar, as aulas dessas atividades poderão ser atribuídas a outro docente devidamente habilitado em Educação Física e na conformidade das diretrizes estabelecidas pela resolução de atribuição de aulas .

Artigo 5º - Os alunos das Atividades Curriculares Desportivas não poderão ser dispensados das aulas regulares de Educação Física.

Parágrafo único - As Atividades Curriculares Desportivas por integrarem a proposta pedagógica das Unidades Escolares e à semelhança dos procedimentos aplicados aos demais componentes curriculares, deverão ser:

- a) objeto de controle de frequência dos alunos;
- b) rotineiramente acompanhadas em seu desenvolvimento pela coordenação pedagógica da escola e;
- c) submetidas a avaliações devidamente formalizadas em relatórios circunstanciados, a serem elaborados pelo professor responsável pela turma de atividades, com ciência da coordenação pedagógica, da direção e do Conselho de Escola, e encaminhados à Diretoria de Ensino, a fim de se constituírem em indicadores responsáveis por sua manutenção ou interrupção.

Artigo 6º- A Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas baixará as instruções que se fizerem necessárias ao cumprimento desta resolução.

Artigo 7º - Esta resolução entrará em vigor na data de sua publicação, ficando revogadas as disposições em contrário, em especial, aquelas contidas na Resolução SE nº 142/2001.

4.2 - A Olimpíada Colegial do Estado de São Paulo

A Olimpíada Colegial do Estado de São Paulo (instituída pelo Decreto nº 47.699 de 11 de março de 2003) advém de uma parceria entre as Secretarias de Estado da Educação e da Juventude, Esporte e Lazer e foi criada em substituição ao Campeonato Escolar de Esportes

do Estado de São Paulo (1993-2002) que por sua vez substituiu os Jogos Escolares do Estado de São Paulo - JEESP (1982-1992) que foram os sucessores do antigo Campeonato Colegial do Estado de São Paulo (desde os anos 60 até 1981). Os contemplados atualmente pela Olimpíada Colegial são alunos participantes de turmas de Atividades Curriculares Desportivas das Escolas da Rede Pública Estadual e alunos das Redes Municipal e Privada, todos do Ensino Fundamental e Médio do Estado de São Paulo.

Dentre as muitas modalidades disputadas, o Voleibol é uma das principais, já que o número de participantes inscritos a todo ano aumenta gradativamente, o que mostra a importância do voleibol no cenário da Educação Física Escolar no Estado de São Paulo. A forma de disputa da modalidade voleibol dentro da Olimpíada Colegial é baseada nas regras da Confederação Brasileira de Voleibol, observadas as exceções previstas no regulamento, conforme legislação específica.

3 MÉTODO

O presente estudo desenvolveu-se a partir de uma de revisão bibliográfica, baseada em livros e artigos científicos relacionados à Educação Física e a modalidade Voleibol. Buscou-se, a partir das considerações e textos presentes ao longo dos diversos módulos do curso de especialização em Esporte Escolar, realizar uma reflexão sobre a prática do Voleibol no cenário escolar, enfatizando a importância da contextualização da modalidade junto aos alunos, abordar a questão da inclusão e, principalmente a diferenciação entre o Esporte promovido na Escola e o Esporte que a sociedade impõe a Escola. De acordo com este trabalho, observou-se que todas as ações esportivas deverão estar embasadas no Projeto Pedagógico da Escola, o qual consistirá o norte do professor.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS OU CONCLUSÃO

O Presente trabalho teve a pretensão de auxiliar professores e alunos da área de Educação Física atuantes ou não no Programa Segundo Tempo, embasado nos conceitos apresentados, à prática do voleibol da escola. Vista a escassez de obras referentes ao tema proposto, este trabalho vem proporcionar aos professores um entendimento sobre a modalidade Voleibol como uma possibilidade de conteúdo da Educação Física a partir de uma ótica não esportivizante e indispensável ao desenvolvimento das crianças nos seus vários aspectos.

Conclui-se que a Educação Física Escolar tendo como conteúdo o Voleibol, implica em uma série de benefícios para os alunos do Ensino Fundamental e do Ensino Médio.

O trabalho conclui ainda que, o voleibol é perfeito para ser desenvolvido tanto na escola como conteúdo de uma aula de Educação Física Escolar, como também uma modalidade esportiva para fins de competições, através das aulas de Atividades Curriculares Desportivas (A. C. D.).

5 - REFERÊNCIAS

- ARANTES, Ana Cristina. **Educação Física Escolar: Temos o que ensinar?** São Paulo, 1996.
- BOJIKIAN, J. C. M. **Ensinando Voleibol.** São Paulo: Phorte, 1999.
- BORSARI, J. R. **Voleibol: aprendizagem e treinamento, um desafio constante.** São Paulo: EPU. 1989.
- BRACHAT, Valter. **Educação Física e Aprendizagem Social.** Porto Alegre: Magister, 1992.
- CAMPOS, Luiz Antonio Silva. **Voleibol “da” Escola.** Jundiaí: Fontoura Editora, 2006.
- COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia de ensino de Educação Física.** São Paulo: Cortez, 1993.
- DAIUTO, Moacir. **Voleibol.** São Paulo: Cia Brasil Editora, 1980.
- DURRWACHTER, Gerhard. **Voleibol: treinar jogando.** Rio de Janeiro: Ao livro Técnico, 1984.
- FREIRE, J. B. SCAGLIA, A. J. **Educação como prática corporal.** São Paulo: Scipione, 2003.
- HILDEBRANT-STRAMANN, Reiner. **Textos pedagógicos sobre o ensino da Educação Física.** – Unijuí, 2003.
- MEINEL, Kurt. **Motricidade II: O desenvolvimento motor do ser humano.** Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1984.
- MANOEL, E. de J. **Desenvolvimento Motor: Implicações para a Educação Física Escolar.** São Paulo, 1996.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. Secretária da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais.** Educação Física – Ensino Fundamental. Brasília: MEC/ SEF, 1998.
- TANI, GO. **Educação Física Escolar e a abordagem Desenvolvimentista.** São Paulo: E.P.U. , 1988.
- TUBINO, Manoel José Gomes. **Dimensões sociais do esporte.** 2.ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- Site: <http://www.educação.sp.gov.br>, acesso em 13:30 horas do dia 14/12/2006.
- Site: <http://www.cbv.com.br> , acesso em 22:45 horas do dia 16/12/2006